

Projeto Resisto! Roteiro de pesquisa: Acervo Memorial

Eixo Resistência - Lugares da Memória:

1) Nome: Sítio de Ibiúna

Acesse em:

<http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/sitio-de-ibiuna>

Por que pesquisar:

O incêndio da sede da UNE, no primeiro dia do golpe de 1964, mostrava que o movimento estudantil seria um dos principais alvos de repressão, controle e vigilância por parte da ditadura que se iniciava. Nesse cenário, no ano de 1968, foi realizado clandestinamente o 30º Congresso da UNE. A reunião aconteceu no sítio Murundu, em Ibiúna, e recebeu cerca de mil estudantes de diversas partes do país. No dia 12 de outubro, cerca de 400 policiais invadiram o local reprimindo e prendendo os estudantes com base na Lei de Segurança Nacional. Os líderes foram encaminhados ao Deops/SP, e os demais, ao Presídio Tiradentes, onde foram fichado

Perguntas para o debate:

- Qual receio os governos autoritários têm de movimentos estudantis?
- Qual é a verdadeira função da escola?
- Qual é o papel da escola para a formação cidadã?
- Como podemos relacionar as prisões de estudantes durante o regime militar com o movimento contemporâneo “Escola Sem Partido”?

2) Nome: Estádio do Pacaembu - Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho

Acesse em:

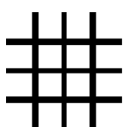
<http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/estadio-municipal-paulo-machado-de-carvalho-estadio-do-pacaembu>

Por que pesquisar:

Desde sua inauguração, o Estádio do Pacaembu foi utilizado por diferentes vertentes ideológicas, tais como as comemorações do 1º de Maio, promovida por Getúlio Vargas, o comício promovido pelo Partido Comunista Brasileiro, quando este saiu da ilegalidade em 1945. Também já foi cenário de grandes eventos esportivos, artísticos e políticos. Um lugar fundamental de memória dos trabalhadores e trabalhadoras de São Paulo e do país.

Perguntas para o debate:

- Quando os esportes são utilizados como ferramenta política?



- Qual é a importância de entender um lugar de memória vinculado à resistência na região central da cidade de São Paulo?
- Como um espaço público utilizado, a princípio, por quem detém o poder transformou-se em um local de oposição?

3) Nome: Fábrica da Cobrasma

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/fabrica-da-cobrasma>

Por que pesquisar:

A Fábrica da Cobrasma foi palco de um forte movimento social com trajetória de lutas que articulava manifestações operárias, estudantis e populares. Seus operários foram líderes em processos como a fundação do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, e a formação das Comissões de Fábrica, que mantiveram as lutas em curso após a intervenção sindical da Ditadura, em 1964. Nas Comissões, grupos de oposição, como o Grupo de Osasco e a Frente Nacional do Trabalho, conduziram campanhas salariais, vindo a reconquistar o sindicato em 1967. A partir daí, um processo de radicalização culminou na greve de 1968. Iniciada com a ocupação da Cobrasma, a greve provocou uma repressão violenta com ocupação militar da cidade. Mesmo breve, a Greve de Osasco manifestou uma disposição de resistência à Ditadura e é reconhecida como a última de envergadura antes do AI-5.

Perguntas para o debate:

- A Ditadura Civil-Militar durou, no Brasil, 24 anos. Pensando nisso, podemos concluir que parte da população se beneficiava com este regime autoritário. Qual parcela da população foi beneficiada? E qual parcela foi prejudicada?
- De acordo com o Artigo 20º da Declaração de Direitos Humanos, “toda pessoa tem o direito à liberdade de reunião e de associações pacíficas”. Pensando neste artigo, as intervenções estatais e os fechamentos dos sindicatos podem ser considerados ações ilegais por parte do Estado autoritário?
- Qual é o interesse da aliança entre o poder político e a elite econômica durante o regime militar no Brasil? Essa aliança se findou nos dias de hoje?

4) Nome: Catedral da Sé - Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Assunção de São Paulo

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/catedral-metropolitana-nossa-senhora-da-assuncao-de-sao-paulo-catedral-da-se>

Por que pesquisar:

Durante a ditadura, a Catedral da Sé desempenhou um importante papel de apoio à resistência, principalmente a partir de 1970, com a nomeação de Dom Paulo Evaristo Arns como Arcebispo (e Cardeal em 1973). Com ele, a Catedral atuou na proteção de opositores políticos e de movimentos sociais, assim como na articulação e sustentação política às ações solidárias de bispos e párocos da cidade.

Perguntas para o debate:

- Em quais momentos a religião promove ações de repressão? E em quais momentos promove movimentos de resistência?
- As doutrinas cristãs, em si, pregam o amor ao próximo. Como e por que algumas igrejas são vistas como reacionárias e repressoras?
- Foi na Catedral da Sé que ocorreram missas em memória de vítimas - como o estudante Alexandre Vannucchi, o jornalista Vladimir Herzog, o operário Santo Dias, e o dominicano Frei Tito de Alencar. Qual é a importância do reconhecimento dessa instituição em homenagear essas pessoas na qualidade de vítimas da Ditadura para o movimento de resistência?

Eixo Resistência - Coleta Regular de Testemunhos:

1) Neusa Maria Pereira

Assuntos correlatos: imprensa alternativa e movimento negro

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/neusa-maria-pereira>

Biografia:

Neusa Maria Pereira nasceu no dia 24 de agosto de 1955 em São Paulo, capital. Concluiu o ensino médio no Colégio Presbiteriano Mackenzie e se formou em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Além da experiência como repórter e revisora em jornais da grande imprensa, trabalhou como redatora no jornal "Versus". Importante representante da imprensa alternativa, o "Versus" existiu de 1975 a 1979, durante a Ditadura Civil-Militar. Ao lado de outros grupos engajados na mesma causa, Neusa e suas companheiras participaram da organização e da realização do ato público realizado nas escadarias do Theatro Municipal em 1978, que marcou a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU).

Resumo da entrevista:

A entrevistada trata sobre sua experiência contínua de militância dentro do Movimento Negro, enquanto mulher e jornalista. Em seu testemunho, abordou algumas situações de racismo vivenciadas por ela na infância e na adolescência, que deram início à tomada de consciência que seria fundamental para seu engajamento na militância negra. Neusa também teve uma participação importante na fundação do Movimento Negro Unificado (MNU) e em sua luta pela desmistificação da democracia racial, que representou uma importante bandeira sustentada pela política da Ditadura Civil-Militar e que atingiu, diretamente, a comunidade negra brasileira.

Reflexão:

"Samba sem mulata não é samba não senhor!

É samba triste

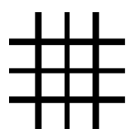
Samba só feito pra doutor

Sem a moreneza da mulata rebolando

A gente vai aos poucos

Até desanimando"

(Música "As Polegadas da Mulata" - Composição: Hianto De Almeida / Macedo Netto)



Historicamente, a sociedade brasileira vincula as vidas negras a assuntos específicos e, geralmente, essas pessoas são objetificadas e sexualizadas. Por que isso acontece?

2) Djalma de Souza Bom

Assuntos correlatos: movimento operário e novo sindicalismo

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/djalma-de-souza-bom>

Biografia:

Djalma de Souza Bom nasceu no dia 29 de março de 1939 em Medina, localizada no Vale do Jequitinhonha, no interior de Minas Gerais. Mudou-se para São Paulo junto com a sua família e, em 1948, iniciou um curso técnico operário que possibilitou que ele fosse contratado pela fábrica da Mercedes-Benz, em São Bernardo do Campo, onde ingressou no Sindicato. Em 1975, foi convidado a fazer parte da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Como militante sindicalista, participou das greves do ABC em 1978, 1979 e 1980, sendo preso pelo Deops/SP no dia 19 de abril de 1980. Passou 31 dias preso por conta da Lei de Segurança Nacional pelo crime de incentivo à greve. Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), sendo eleito deputado federal em 1982. De 1989 a 1993, foi vice-prefeito de São Bernardo do Campo. De 1996 até 2000, cumpriu mandato como deputado estadual. Atualmente é metalúrgico aposentado e militante sindical com atuação na Comissão Nacional da Verdade (CNV).

Resumo da entrevista:

A entrevista se pautou pela busca de informações descritivas do espaço carcerário e sobre o cotidiano dos presos políticos dentro das celas do Deops/SP. Djalma de Souza Bom, ex-presos político, narrou sobre a perseguição de sindicalistas dentro das fábricas da região do ABC e de que forma a Ditadura Civil-Militar, com o apoio dos empresários, entrevistou diretamente no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo nos anos de 1964, 1979, 1980 e 1983. Enquanto militante da causa operária, o entrevistado ofereceu detalhes das greves metalúrgicas ocorridas em 1978 e 1979 e da atuação da Fiesp na contenção e repressão ao movimento grevista, narrando também a articulação do Novo Sindicalismo e a criação e atuação do Fundo de Greve como importantes instrumentos de manutenção de greve e de auxílio aos trabalhadores. Mencionou ainda a existência de agentes policiais infiltrados dentro das fábricas para acompanhar e denunciar as atividades dos sindicalistas. Por fim, tratou dos objetivos atuais da luta sindical, comparando-os às reivindicações dos anos 1980, fazendo um balanço sobre os avanços e retrocessos da luta ao longo das últimas quatro décadas.

Reflexão:

“Mas é bom um cidadão pensar que tem influência no governo, embora não tenha nenhuma. Lá na fazenda o trabalhador mais desgraçado está convencido de que, se deixar a peroba, o serviço emperra.”

(Trecho de “Memórias do Cárcere” – Graciliano Ramos)

Qual é a importância dos sindicatos e dos movimentos da classe trabalhadora?

3) João Silvério Trevisan

Assuntos correlatos: imprensa alternativa e movimento homossexual

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/joao-silverio-trevisan>

Biografia:

João Silvério Trevisan nasceu no dia 23 de junho de 1944, em Ribeirão Bonito, interior de São Paulo. No começo da década de 1970, abandonou o seminário após dez anos de prática religiosa, assumiu sua homossexualidade e iniciou sua carreira profissional como cineasta e dramaturgo. Devido à repressão instaurada pela Ditadura Civil-Militar, João mudou-se para o México e, um ano depois, seguiu para Berkeley, na Califórnia. Retornou ao Brasil em 1974 e se engajou como ativista homossexual. Em 1978, participou da fundação do jornal “Lampião da Esquina” - primeiro jornal gay do país. No mesmo ano, ajudou a fundar o Grupo Somos de Afirmação Homossexual, que lutava pelo fim da discriminação homossexual e pela igualdade de direitos. Tanto o jornal quanto o Grupo Somos existiram de 1978 a 1981. Atualmente, João permanece envolvido como militante da causa LGBTQIA+ e atua profissionalmente como escritor. Dentre os seus mais de dez títulos já publicados, está o renomado “Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade”.

Resumo da entrevista:

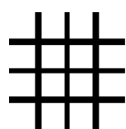
O entrevistado falou sobre sua trajetória de militância exercida com foco na luta pelo fim da discriminação e pela igualdade de direitos dos homossexuais. No início na década de 1970, após deixar o seminário onde vivera por dez anos, João assumiu sua homossexualidade e envolveu-se profissionalmente com o cinema. Após um período de exílio, em 1978, retorna ao Brasil e participa da fundação do Grupo Somos de Afirmação Homossexual, que surgiu após o impacto provocado por um encontro realizado na USP, chamado “Semana das Minorias”. Tanto o jornal quanto o grupo foram extintos em 1981, deixando um importante legado dentro do movimento social. Por fim, João refletiu sobre a condição imposta ao homossexual no período da Ditadura e, a partir de uma análise crítica, tratou a respeito da postura da esquerda frente ao movimento, apontando as expressões do preconceito existente e a dificuldade inicial de incorporar as demandas específicas dessa comunidade.

Reflexão:

“O dinheiro não compra dignidade. O dinheiro não compra caráter. Eu aprendi que a orientação sexual não define caráter, a cor da pele não define o caráter, poder aquisitivo não define caráter (...) Eu sonho com o dia em que eu não vou ser julgado por minha orientação sexual (...) Eu sempre pergunto, qual é a imagem que vou deixar para os meus filhos? A mesma certidão de casamento que o senhor tem, eu também tenho. A minha família não é pior do que a sua. A mesma certidão de casamento que o senhor tem, eu também tenho.”

(Fabiano Contarato – Senador da República pelo Espírito Santo, homossexual assumido, durante a CPI da Covid)

Mesmo após diversas conquistas, é possível afirmar que o movimento LGBTQIA+ luta por privilégios?



4) Marisa Fernandes

Assunto correlato: movimento lésbico

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/marisa-fernandes>

Biografia:

Marisa Fernandes nasceu no dia quatro de fevereiro de 1953 no município de Santo André, região do ABC Paulista. Formou-se em História pela Universidade de São Paulo (USP) e atuou nas áreas de educação e promoção de políticas públicas e direitos humanos através do Conselho Estadual da Condição Feminina, Secretaria de Saúde e Secretaria de Relações do Trabalho. Foi também ouvidora do sistema penitenciário paulista durante oito anos, função que exerceu até se aposentar. Sua trajetória de militância política, iniciada no movimento estudantil, aprofundou-se a partir de 1978, ano em que se aproximou do Grupo Somos de Afirmação Homossexual ao lado de outras mulheres lésbicas. Em consideração às demandas particulares da luta das mulheres dentro do Grupo, criou-se a Fação Lésbico Feminista (LF), que, após um racha interno, passou a denominar-se “Grupo de Ação Lésbico-Feminista” (GALF). Como militante destes grupos organizados, Marisa protagonizou diversas ações e colaborou diretamente com a luta contra o preconceito, a discriminação e pela visibilidade lésbica e feminista em tempos de Ditadura, continuando sua militância também após a redemocratização.

Resumo da entrevista:

Em sua entrevista, Marisa discorreu sobre sua trajetória de militância política, contextualizando-a a partir de experiências pessoais envolvendo o processo de se assumir lésbica perante sua família e a sociedade. Sua narrativa, com especial enfoque no contexto paulistano dos anos 1980, trata sobre a grande necessidade sentida pelas mulheres lésbicas de se engajarem em uma luta de resistência contra o preconceito e a discriminação que sofriam. Relembrou importantes eventos de resistência desempenhados por mulheres lésbicas frente à Ditadura Militar e à repressão social imposta pela bandeira da “moral e dos bons costumes”. Além disso, ressaltou a luta por espaço e por visibilidade dentro dos movimentos de esquerda e a batalha contínua pela superação dos preconceitos e conservadorismos presentes na sociedade até hoje.

Reflexão:

“Não há mais deus

Somos deusas, somos muitas e somos fortes

O fogo que arde em meu centro me impulsiona e me leva ao céu

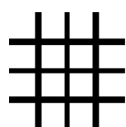
Torno-me astronauta do cosmo

Eu refaço o big bang

Recrio o meu universo”

(Música “Eu Vim do Futuro e Lá Só Tem Sapatão” – Horrorosas Desprezíveis)

Mulheres donas de seus corpos também são donas da criação de novas vidas através de seu ventre. Qual é a relação entre o machismo e a lesbofobia? Qual é a relação entre o machismo e a violência contra a população lésbica?



5) Aldo da Silva Arantes

Assunto correlato: organização de esquerda

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/aldo-da-silva-arantes>

Biografia:

Aldo da Silva Arantes nasceu em 20 de dezembro de 1938 na cidade de Anápolis, Goiás. Iniciou sua militância no ensino secundarista através da Juventude Estudantil Católica. Como estudante de Direito da PUC-RJ, foi eleito presidente do DCE e, em 1961, presidente da UNE, além de dirigente da Juventude Universitária Católica (JUC). Encampou importantes lutas durante a gestão da UNE. Dentre elas, a Campanha da Legalidade e a Reforma Universitária, divulgada na caravana da UNE Volante. Participou da criação de núcleos do Centro Popular de Cultura da UNE e da formação da Ação Popular (AP). Atualmente é membro da Comissão de Mobilização pela Reforma Política da OAB, diretor executivo do Instituto Nacional de Pesquisas e Defesa do Meio Ambiente e secretário nacional do Meio Ambiente do PCdoB. Em 2013, lançou seu livro de memórias e reflexão política, intitulado “Alma em Fogo: Memórias de um militante político”.

Resumo da entrevista:

O entrevistado tratou sobre sua trajetória na militância política, com ênfase na luta contra a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Com experiência de liderança dentro do Movimento Estudantil desde o início dos anos 1960, e à frente de importantes movimentos sociais, como a formação do CPC da UNE, Aldo colaborou com a formação da Ação Popular (AP), organização de esquerda ligada à Igreja Católica. Com a deflagração do golpe, a perseguição política contra Aldo, Dodora (sua então esposa) e Herbert de Souza (Betinho) se intensificou, obrigando-os a se exilarem. Ao regressar clandestinamente para o país, deu continuidade à sua militância desenvolvendo trabalhos de base no interior do Alagoas, conforme desígnios da AP, até que, em 1968, foi preso, bem como sua então esposa e seus dois filhos. Após seis meses detido, Aldo conseguiu fugir da prisão e seguiu para São Paulo, onde retomou a atividade política através do PCdoB. Durante reunião clandestina da cúpula executiva do partido para avaliação sobre a Guerrilha do Araguaia, Aldo foi novamente preso no episódio que ficou conhecido como “Massacre da Casa da Lapa”. Neste processo, Aldo passou pelo Deops/SP, Presídio do Hipódromo e Presídio Romão Gomes, cumprindo mais três anos de prisão. A respeito desta fase, relatou o cotidiano vivido em cada um dos cárceres e as condições precárias enfrentadas. Por fim, versou sobre a importância do trabalho de preservação da memória e de que se estabeleçam punições legais para os crimes de lesa-humanidade cometidos na Ditadura.

Reflexão:

“Era uma vez a Escola... onde havia o diretor, a servente, o inspetor de alunos, a secretária, os professores. O prédio tinha as salas de aula, o corredor, o pátio, o banheiro, o barzinho, a secretaria, a diretoria. Na frente havia uma placa simples, com uma frase: “Educa a criança no caminho que deve andar e ela nunca se desviará dele.” Ah, eu ia me esquecendo: a Escola era cheia de alunos, sendo educados no caminho que deveriam andar”.

(Trecho de “Aurora da Minha Vida” - Naum Alves de Souza)

Qual é o papel da escola e a influência da movimentação estudantil na formação da sociedade? Qual o papel da escola e a influência da movimentação estudantil na formação da sociedade?

